

**Mídia sociais e ciberativismo:
uma análise da hashtag #SalveMariana no Instagram**

***Medios de comunicación social y ciberactivismo:
un análisis de #SalveMariana hashtag en Instagram***

Mayara de Sousa Guimarães FONSECA¹
Sale Mário GAUDÊNCIO²
Juciano de Sousa LACERDA³

Resumo

O presente texto apresenta uma investigação em torno do *ciberativismo* no contexto das mídias sociais, observando especificamente o nível de interação social em torno do desastre ambiental da cidade de Mariana em 05 de novembro de 2015. A pesquisa mostra como abordagem metodológica a Análise de Redes Sociais, fazendo uso de ferramentas tecnológicas de apoio como os *softwares Gephi* (livre) e *Excel* (proprietário), para potencializar a coleta de dados. Para viabilizar a análise e interpretação dos dados, utilizou-se das potencialidades dos *Grafos* gerados por meio do algoritmo *Fuchterman Reingold*, desenvolvido para o *Gephi*. É possível concluir que o *ciberativismo* pode contribuir de forma direta na luta pela garantia de direitos e por um melhor controle social. Percebe-se que por meio do envolvimento ativo no *ciberespaço* se pode aprofundar uma *ciberdemocracia* que favoreça a luta de classes.

Palavras-chave: Estudos da mídia. Mídia sociais. *Ciberativismo*. #SalveMariana. *Instagram*.

Resumen

El presente texto presenta una investigación sobre el *ciberactivismo* en el contexto de las redes sociales, especialmente a nivel de la interacción social en torno al desastre ambiental en la ciudad de Mariana en 05 de noviembre de 2015. La investigación muestra cómo el enfoque metodológico de análisis de redes sociales, el uso de

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEM/UFRN E-mail: mayarasgfonseca@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – PPGCI/UFPB. E-mail: salemario@gmail.com

³ Professor Pós-doutor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEM/UFRN. E-mail: juciano.lacerda@gmail.com

herramientas soporte tecnológico como software Gephi (gratis) y Excel (propietario), para mejorar la recopilación de datos. Para hacer el análisis e interpretación de los datos, se utilizó el potencial de los gráficos generados por el algoritmo desarrollado para Fuchterman Reingold Gephi. Se concluyó que el ciberactivismo puede contribuir directamente en la lucha para garantizar los derechos y para un mejor control social. Se dio cuenta de que a través de la participación activa en el ciberespacio puede profundizar ciberdemocracia favoreciendo la lucha de clases.

Palabras clave: Estudios de los medios. Medios de comunicación social. Ciberactivismo. #SalveMariana. Instagram.

Introdução

Desde a catástrofe do maior acidente ambiental brasileiro, ocorrido em 05 de novembro de 2015, tem-se produzido uma série de discussões, posicionamentos, práticas, investigações e outras questões que direta ou indiretamente envolvem o caso da cidade de Mariana em Minas Gerais.

O caso gerou uma conjunta conflitiva e de disputas, especialmente porque oportunizaram mortes e processos jurídicos. Do ponto de vista da criação e análise intelectual, favoreceu crônicas jornalísticas, análise de ambientalistas e investigações científicas.

Contudo, muitas análises, por exemplo, se limitam apenas ao envolvimento espaço-temporal da época, ocasionando não só do ponto de vista da rede, mas também das próprias coberturas midiáticas e do poder público, certo deslocamento ou distanciamento do interesse ao drama coletivo de milhares de pessoas que ainda estão sofrendo com o flagelo do fatídico crime ambiental que promoveu uma desordem social, cultural e humanitária a partir da região de Mariana, localizada na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

Tendo em vista esse cenário, percebe-se que pouco mais de um ano, o desastre de Mariana perdeu o apelo midiático e popular que se tinha no período próximo ao acontecimento. Isso também reflete na rede. Muitos ativistas do ciberespaço envolvidos com a causa de Mariana, de repente perderam o interesse sobre a questão.

Nesse sentido, emerge a necessidade de entender como os ciberativistas ainda se mobilizam em torno do apoio e fiscalização sobre a questão de Mariana. Dessa forma, levanta-se o seguinte problema: Por que monitorar o ciberativismo midiático em torno

do desastre da cidade de Mariana? E para averiguar este caso, tem-se como objetivo primaz, analisar o nível de interação social em torno do ciberativismo midiático que ocorreu a partir do desastre ambiental da cidade de Mariana.

Portanto, salvas as proporções do desastre ambiental e do nível de comprometimento que ocorre em torno do poder de articulação e transformação dos ciberativistas, ao final dessa investigação, se tem como resultados esperados, entender de maneira mais qualificada a forma como ativismo na internet, e nesse caso em especial, no *instagram* tem contribuído para fazer “ecoar” a capacidade de legitimar um poder contra hegemônico, possibilitando a proteção os direitos fundamentais de uma sociedade ameaçada de cair no esquecimento ou sofrer um processo contínuo de silenciamento.

Conexões de uma sociedade interligada por meio das mídias sociais

O processo de Globalização tem implicação direta no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), uma vez que a comunicação deixou de ser majoritariamente local para dilatar suas raízes ao âmbito global. Aumentou a facilidade da transmissão de mensagens com a quebra dos conceitos de tempo e espaço pelos meios eletrônicos e as produções comunicacionais ganharam caráter instantâneo (Thompson, 2009).

Em meados de 2010, a chamada “rede das redes” migrou para os *tablets*, *smartphones* e *notebooks*, com a chegada da banda larga. Para Di Felice (2009) a Internet, com a mobilidade, passou a ser denominada “rede de conteúdos”, devido a gama de informações difundidas a todo instante. Garcia-Canclini (2008) anunciava, num futuro próximo, a convergência digital articulando “uma integração multimídia que permite ver e ouvir, no celular, no palm ou no smartphone, áudio, imagens, textos escritos e transmissão de dados, tirar fotos e fazer vídeos, guardá-los, comunicar-se com outras pessoas e receber as novidades em um instante”.

A conexão entre grupos de pessoas com interesses comuns não é algo novo, oriundo do mundo virtual. No “*off-line*”, grupos sociais sejam por interesses particulares ou profissionais constituem redes de relacionamento. Nelas, os laços sociais se fazem, desfazem e refazem. Como toda interface gráfica do computador é baseada no

mundo real, com a Internet não poderia ser diferente. As redes sociais migraram para o virtual e se estruturaram nas plataformas digitais, configurando as chamadas mídias sociais.

Na década de 90 por meio da “*Classmates.com*” – conforme o Campanha Digital (2010, *on-line*), com o “objetivo de permitir o reencontro de antigos conhecidos da escola” – tivemos a primeira experiência virtual de redes sociais. Em aproximadamente 2 (duas) décadas foram inúmeras as transformações ambientais, permitindo uma revolução e que “têm ocasionado uma grande participação no cotidiano das pessoas” (SATUR et al., 2015, p. 7, *online*), influenciando os atuais modelos de sociedade e os modos de produção da civilização global.

Recuero (2009) nos diz que as redes sociais digitais estão em constante mutação. Essas transformações são completamente influenciadas pelas interações, que têm dois objetivos distintos: somar e construir um determinado laço social de interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço. A autora afirma, também, que, no *ciberespaço*, devido à ausência de informações geralmente permeadas pela comunicação face a face, as pessoas são julgadas, por suas palavras, como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais em que estão inseridas.

O nível de intensidade é tão voraz que a “linha do tempo” parece ter sido “estreitada” ou diminuída, fruto das rápidas atividades de produção de informação, geração do conhecimento e “interação da rede” (PRIMO, 2016) que ocorre através da cibercultura (LÉVY, 2014; LEMOS, 2015) e no contexto da sociedade em rede (CASTELLS, 2000). É em virtude disso que as mídias sociais promovem segundo Ferreira (2011, p. 214) um “padrão de contatos ou interações, entre as quais se estabelecem diversos tipos de relações e, por meio delas, circulam diversos fluxos de informação”.

É nesse limiar que expressões como “Comunidades Virtuais, Sociedade em Rede e Tribos Urbanas tem surgimento e se popularizado como aspectos que atestam para o reconhecimento das rápidas e profundas alterações nas formas como nos relacionamos uns com os outros” (FRAGOSO, 2014, p. 14). Tão importante quanto entender as mudanças em curso, é compreender a forma como se comportamos e vivemos esses territórios mediados por computadores através de sua rede de pujante de conexões. Como nos explica Barros (2012, p.82):

É oportuno, portanto resgatar a natureza dialógica e dialética da comunicação, presente em sua concepção primitiva, do *communicare*, que torna o sentido mais do “compartilhar” do que o de “transmitir”. Nela, emissor e receptor podem ser vistos como interlocutores e como seres sociais. A ideia do “tornar comum a muitos” está na origem do pensamento comunicacional e merece ser recuperada [...] é preciso valorizar a dimensão humana da comunicação, tornando o ser humano como sujeito do processo, e não como mero objeto ou peça de engrenagem.

No contexto da forma de se apresentar, didaticamente, é possível dizer que as mídias sociais são compostas pelos mais diversos modelos de *sites* ou plataformas digitais de interação social. Por exemplo, *facebook*, *twitter*, *snapchat*, *instagram*, *whatsapp*, *linkedin* e *tumblr*, para dizer as mídias mais conhecidas. Cada uma tem a sua própria lógica, concepção e público, contudo, as suas finalidades são as mesmas, ou seja, a interação através de suas redes sociais virtuais (CRUZ, 2010), conforme topologia específica (RECUERO, 2014), seja, por meio de texto, imagem, vídeo ou símbolos. Para Green, Ford e Jenkins (2014), por serem de fácil acesso, deram “voz” ao cidadão comum.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2015), o *Instagram* se consolida como umas das redes sociais que mais cresce e se populariza no Brasil. O *Instagram* é um aplicativo gratuito disponível para smartphones, tablets e tem uma página na web. Criado em outubro de 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, desenvolvedores formados pela Universidade Stanford (Palo Alto, Califórnia). Anos depois, Mark Zuckerberg, criador do *Facebook*, anunciou a compra da empresa.

No *Instagram*, o usuário registra-se, gerando um perfil (público ou privado). Com este registro, é possível tirar fotos em formato 4:3, semelhante às registradas em máquinas da marca Polaroid e aquelas que utilizam o padrão Kodak Instamatic. Além da captura, o usuário poderá inserir filtros especiais, fazendo com que a imagem tenha, aparentemente, traços artísticos e diferenciados. Com o aplicativo, também é possível adicionar vídeos, com a aplicação de filtros específicos e um sistema de estabilização das imagens gravadas ou vídeos feitos na hora no *Instagram Stories*, que fica disponível por 24 horas. O seu lançamento causou um enorme rebuliço principalmente com os

usuários do *snapchat*, visto que são disponibilizadas praticamente as mesmas ferramentas.

Precedidos pelo símbolo “#”, as famosas *Hashtags* são compostas pela palavra-chave que viram hiperlinks dentro da rede. Como forma de concentrar a discussão de um determinado assunto em questão, os usuários a utilizam para que todos possam ter acesso ao tema. Essa ferramenta não é de domínio apenas do aplicativo, e sim, de outras plataformas a exemplo do *Facebook* e *Twitter*, onde teve seus primeiros registros de uso.

Em face das mudanças na arquitetura comunicacional, as plataformas digitais têm sido espaços de discussão interligando pessoas do mundo inteiro, uma vez que na sociedade midiaticizada em que vivemos, assuntos de grande relevância e polêmicos são debatidos com fervor, a exemplo do ocorrido com o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana – MG.

As mensagens veiculadas na mídia se transformam quando os receptores se apropriam delas, não só por movimentos de interpretação, mas também a veiculação de circulação e das apropriações sociais que elas experimentam gerando “interações sociais sobre a mídia”. A ideia de midiaticização da sociedade se afasta de uma visão instrumental da comunicação, em que a mídia é vista como suporte, em sua dimensão técnica. Perdem lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência no modo de ver a própria sociedade e nos processos e interação entre instituições e atores sociais. Aliado a isto, temos o fenômeno do ciberativismo, onde usuários por meio de campanhas ou mesmo *hashtags* abraçam causas sociais, ambientais, dentre outras.

A midiaticização tem se tornado um processo interacional de referência, uma tendência que tem suplantando as interações sociais. Ainda que os meios e as mediações socioculturais sejam processos construtores da midiaticização, essas instâncias por si só não são suficientes para a compreensão das novas dinâmicas da comunicação nas sociedades atuais, uma vez que a mídia dita as regras da sociedade, manipulando a opinião pública.

Nos últimos anos temos acompanhado a crescente prática em defesas de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais nas plataformas digitais. A esse fenômeno denominamos: ciberativismo. O ciberativismo consiste em uma nova forma

de atuação política e social na qual os indivíduos e grupos potencializam suas ações políticas, inclusive em nível internacional, utilizando a internet (ARAÚJO, 2011).

Ele influenciou grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet. É possível posicionar os diversos grupos e atividades do ciberativismo situados mais à esquerda ou mais à direita. Todavia, esse enquadramento tradicional, que orientou a divisão política das ações e ideologias no mundo industrial, encontra crescente dificuldade operacional diante de muitas ações na sociedade informacional.

De acordo com Di Felice (2013, p.53):

Inaugurou-se, assim, um novo tipo de participação baseada na construção de redes informativas pela difusão de informações na *web* com objetivo de defesa dos recursos naturais e do ambiente, das diversidades culturais das culturas indígenas, além do ativismo nos territórios e na participação de fóruns mundiais contra o neoliberalismo até as propostas de reforma da ONU.

Por um lado, o ativismo virtual – também conhecido como Internet Activism, Eletronic Advocacy ou Ciberativismo – que teve seus primeiros delineamentos na década de 90 nos EUA, surgiu quase automaticamente como decorrente da *cibercultura* (LEVY, 2010) – sendo esta uma forma de interação social contemporânea que ocorre através do espaço virtual criado pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Por outro lado, surge com propósito explícito de contrapor os meios de comunicação de massa tradicionais, fazendo circular outros tipos de informação, de denúncia, de olhares sobre a sociedade e pretendendo expandir os resultados de suas mobilizações para além do espaço virtual. O que constitui característica própria do ciberativismo é a forma como as TIC transformaram o próprio ativismo e os conceitos de participação, assim como a identidade e estratégias de participação de grupos sociais, implicando mudanças nas formas de ação social por parte dos movimentos constituídos na rede.

No Brasil, por meio da *hashtag* #SalveMariana ativistas de todos os lugares do Brasil e do mundo clamaram por justiça e providências das autoridades devido ao

rompimento da barragem do Fundão, localizada na cidade histórica de Mariana (MG), ocorrida no mês de novembro de 2015, que lançou no meio ambiente 34 milhões de m³ de lama, resultantes da produção de minério de ferro pela mineradora Samarco Corrêa empresa controlada pela Vale e pela britânica BHP Billiton.

Além das cidades mineiras, a lama atingiu alguns municípios do Espírito Santo e o litoral Sul da Bahia. Ao todo, 39 cidades foram afetadas e 11 toneladas de peixes foram mortos. Devido à extensa área atingida, a fauna e a flora do Rio Doce ficaram ainda mais vulneráveis: ecossistemas e espécies que já eram ameaçadas por atividades predatórias e impactos da indústria, agricultura e mineração, passaram a correr sérios riscos de extinção.

Seiscentos e sessenta e três quilômetros de rios e córregos foram atingidos; 1.469 hectares de vegetação, comprometidos; 207 de 251 edificações acabaram soterradas apenas no distrito de Bento Rodrigues, dezenas de mortos, centenas de famílias desabrigadas, contabilizam o maior desastre ecológico da história do nosso país.

Metodologia

Foi utilizada como abordagem metodológica a Análise de Redes Sociais. De forma complementar foi utilizada como ferramenta de coleta e análise de dados o *Software Gephi*. Vale ressaltar que o *Gephi* recebeu o suporte do *Software Excel* na etapa de coleta permitindo levantar informações com as seguintes categorias:

- a) Para tabela Excel “Nós”
 - a. Termos: *Id* (Identidade) e *Label* (rótulo/ etiqueta):
 - i. Para cada “*Id*” foi criada uma numeração progressiva, cobrindo o montante total de usuário conectados a *hashtag* #*SalveMariana*;
 - ii. Ao termo “*Label*”, foram elencados os nomes dos usuários presentes na mídia social *Instagram*, que de alguma forma interagiram com a rede através da *hashtag* #*SalveMariana*.
- b) Para tabela *Excel* “Arestas”

- a. Termos: *Source* (Origem), *Target* (Destino), *Type* (Tipo) e *Weigth* (Peso):
- i. Quanto ao termo “*Source*”, corresponde aos “Id’s” levantado na tabela *Excel*;
 - ii. Para “*Target*”, indica que está sendo feita uma ligação da origem (emissor) para o destino (receptor). Neste caso, o destino a qual os usuários estão se *linkando* e realizando a interação é a *hashtag* #*SalveMariana*;
 - iii. Ao que tango a indicação “*Type*”, foi feita opção por uma interligação “*Direcional*”, ou seja, remete aquele “*post*” ou comentário que privilegia direcionar ou remeter uma mensagem especificamente ao seu destinatário *hashtag* #*SalveMariana*. Sua finalidade é de compor o diálogo/debate que digitalmente teve sua curadoria de conteúdo efetivado, pois uma vez indicando a *hashtag* para uma determinada finalidade, a mesma comporá o histórico de uma específica campanha, seja qual for a sua finalidade.
 - iv. Para utilização do termo “*Weigth*”, preferiu-se determinar o mesmo peso a todas as ligações (arestas). Assim seria possível entender o Grafo, uma vez criado de maneira mais linear.

Do ponto de vista da representação gráfica, ferramenta viabilizadora da análise, foram produzidos *Grafos* através do *Gephi*. Esses por sua vez, são instrumentos de origem matemática que, com o apoio do algoritmo *Fuchterman Reingold*, desenvolvido para o *Gephi* e a Análise de Redes Sociais, foi possível produzir resultados para uma rede Direcional e Centralizada.

A pesquisa tem *corpus*, os mais diversos usuários presentes na mídia social *instagram* que se conectaram e interagiram na rede através da *hashtag* #*SalveMariana*. De maneira completar, foi feito uso de um amplo referencial teórico que promove a reflexão e análise de investigações em torno do comportamento (ativismo) mediado pelas mídias sociais na internet.

Análise e interpretação dos dados

Desde a catástrofe do maior acidente ambiental brasileiro, ocorrido em 05 de novembro de 2015, foram constatadas centenas de interações sociais e práticas de ativismos (posicionamentos comportamentais) na rede a partir da *hashtag* #SalveMariana no *instagram*. Também foram encontradas outras *hashtags* que tratavam sobre o acidente. Dentre elas: #SosMariana, #PrayForMariana, #PrayForMarianaBr. A escolha em analisar #SalveMariana se deu devido ao termo ter um maior apelo popular (informacional e comunicacional) frente às outras.

Figura 1 – Imagem com maior incidência da *hashtag* #SalveMariana



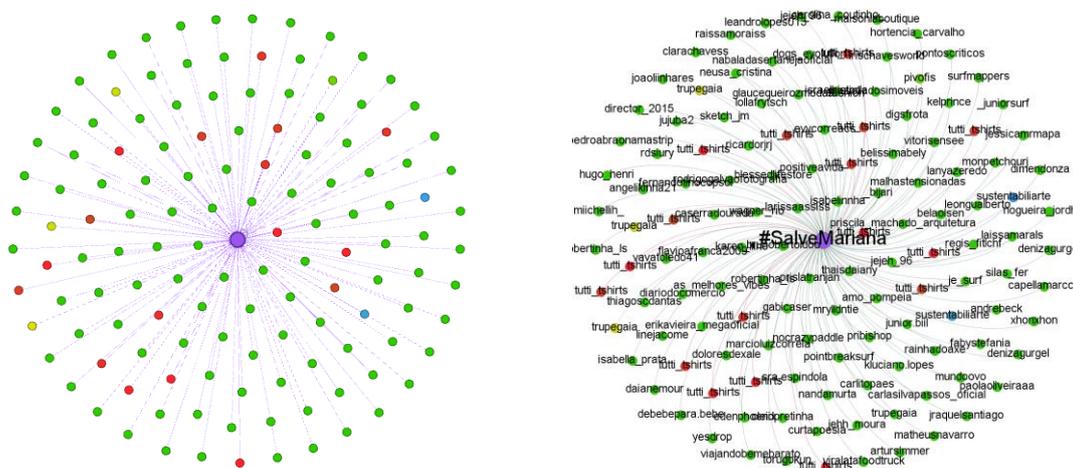
Fonte: *Instagram*, 2017.

A primeira postagem se deu por uma usuária que, em sua foto tirada na cidade, em 02 de março de 2014, provavelmente quis mostrar como era a cidade antes do acidente. A última postagem com o uso da #SalveMariana foi feita em 25 de novembro de 2015, totalizando 247 publicações (a última consulta aconteceu em janeiro de 2017). Na mesma época da tragédia no Brasil, em Paris, França, ocorreu um atentado terrorista na boate Bataclan, no dia 13 de novembro do mesmo ano, deixando um total de 80

mortos e dezenas de feridos, o que levou a criação da figura acima com *#SalveMariana* e *#PrayForParis*.

De maneira objetiva, a figura 1, potencializa esse entendimento, conforme temos indicado por meio dos Grafos a seguir:

Figura 2 – Grafos gerados a partir da *hashtag* *#SalveMariana*



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Em linhas gerais, é possível observar que os dois Grafos fazem indicações equivalentes, contudo, no primeiro, após limpar os nomes dos usuários componentes da mídia social *instagram*, temos certa variação de cores, categorizadas aqui desta forma para indicar o nível de participação de uma pessoa, perfil ou *nó* na rede a partir do grupo de domínio ou *hashtag* *#SalveMariana*. Cada *nó* verde corresponde às interações isoladas que houve na rede. Assim, temos pulverização ou dispersão de pessoas escreve algo sobre a *hashtag* *#SalveMariana*.

Ao que remete ao *nó* vermelho, trata do perfil que sozinho, concentrou e gerou o maior número interações e em momentos diferentes. No caso do *nó* amarelo, remete ao segundo perfil que mais produziu informações em torno da *hashtag* *#SalveMariana*.

Ao relacionar o primeiro Gráfico ao segundo, será possível visualizar a integralidade do *cluster* da rede e assim, perceber inclusive quem são os atores sociais no contexto de uma determinada campanha de envergadura global. Consta-se que o *nó* vermelho, aquele mais produz informações e interage com a *hashtag* *#SalveMariana*, na

verdade não tinha como finalidade primaz, contribuir com ações e/ou apoiar o grupo de desabrigados e vítimas do desastre.

Seu objetivo central era de “aproveitar a oportunidade” da catástrofe para comercializar produtos com perspectivas meramente comerciais. Mesmo de maneira dicotômica, a grande maioria das pessoas que fazem uso da *hashtag* #SalveMariana estão de fato “comprometidas” com a causa e tentam de alguma forma se envolver às questões inerentes da dinâmica da luta pelo direito garantir as mínimas condições de participação e transformação da realidade com qual estão inseridas a população da cidade de Mariana, assim como a sua região geográfica.

Considerações finais

A todo instante acontecem acidentes envolvendo vítimas, desastres ecológicos, atentados terroristas no mundo inteiro. Dados novos são disponibilizados, imagens e vídeos exclusivos são feitos por pessoas, que com aparelhos celulares – na maioria dos casos – registram e divulgam instantaneamente os ocorridos. Não foi diferente com o acidente do rompimento da Barragem do Fundão em Mariana – MG, que comoveu um país inteiro por alguns meses.

Várias mobilizações foram feitas, campanhas de doação de água, roupas, mantimentos, todos articulados por meio das mídias sociais. A sociedade brasileira ajudou. Hoje, pudemos constatar que o maior desastre ecológico no nosso país fora esquecido. Por meio da #SalveMariana, identificamos que o fenômeno do ciberativismo constrói laços entre desconhecidos, força o poder público tomar decisões mais rápidas, transparentes e acima de tudo, divulga-las para demonstrar ações que minimizem os estragos e possam reerguer a população local.

Não se tem registros em mídias tradicionais – rádio, TV, jornais – que mostrem como a população tem enfrentado a situação atualmente, como as famílias têm reconstruído suas casas, se a cidade voltou a ser frequentada por turistas, como outrora era e o que o poder público tem feito para minimizar os danos. Da mesma forma, não há notícias acerca da ação judicial impetrada contra a Samarco Corrêa, ao menos que haja buscas nos autos processuais que tramitam no judiciário federal brasileiro.

Mesmo assim, é possível concluir que o ciberativismo pode contribuir de forma direta na luta pela garantia de direitos e por um melhor controle social. É também por meio do envolvimento ativo no *ciberespaço* que se pode aprofundar uma ciberdemocracia que favoreça a luta de classes, permitindo assim, um empoderamento contra hegemônico a uma sociedade que muitas vezes é silenciada dentro de uma estrutura onde os meios de comunicação de massa, o poder político e as grandes corporações influenciam diretamente na condução do Estado.

Referências

ARAÚJO, Willian **Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil**. V *Simpósio Nacional ABCiber*, UDESC/UFSC, 2011.

BARROS, Laan Mendes. **Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas**. Mediação e Midiatização, Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA: Brasília: Compós, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> > Acesso em 23.09.2016

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. A Era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1.

CRUZ, R. do C. Redes sociais virtuais: premissas teóricas ao estudo em ciência da informação. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 255-272, set./dez., 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/WcbBFP>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens Pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. São Paulo: Matrizes, ano 7, 2013.

FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.3, p.208-231, jul./set. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/Rq2XKC>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FRAGOSO, Suely. Apresentação. In: RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

GARCÍA-CANCLINI, Nestor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In: SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/qByv1D>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

_____; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SATUR, R. V. et al. Do físico ao virtual: relações interpessoais que geram redes sociais dos alunos de um curso de graduação. In: **Inf. Inf.**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 05 - 38, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/sWKNg7>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 5.2011, Florianópolis. **Anais**. UDESC; UFSC, 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11.ed.